



TRABALHO E SOCIABILIDADES: A PARTIR DOS CONCEITOS DE IDENTIDADE DE GÊNERO E IDENTIDADE SEXUAL

ROOS MALLMANN, Márcia Fernanda de Mello¹

Resumo

O presente texto tem por objetivo comunicar a compreensão de dois artigos referentes à avaliação da disciplina de Trabalho e Sociabilidades. Tais textos, publicados na revista *Sociologias* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tratam da questão de gênero sob diferentes prismas e sob diferentes estudos de caso. O primeiro texto, de Lorena Holzmann, trata das condições do trabalho feminino frente às modificações tecnológicas da atualidade. O outro texto em questão, de Gabriele dos Anjos, mostra os resultados de uma pesquisa de campo que tratou das identidades sexual e de gênero, trazendo à vista certas características comportamentais de dois grupos homossexuais e suas sociabilidades.

Palavras-chave: Comportamento. Sociedade. Mulher. Homossexualidade.

Introdução

O presente texto tem por objetivo comunicar a compreensão de dois artigos referentes à avaliação da disciplina de Trabalho e Sociabilidades, integrante da grade curricular da Especialização em Ciências Sociais oferecida pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), entre os anos de 2006 e 2008. Tais textos, publicados na revista *Sociologias* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tratam da questão de gênero sob diferentes prismas e sob diferentes estudos de caso. O primeiro texto em questão, de Lorena Holzmann, enfoca as condições do trabalho feminino diante das modificações tecnológicas ocorridas no mundo atual considerando as implicações sociais decorrentes da exploração da mão-de-obra feminina por um sistema que, ainda se baseia no

¹ Professora de História, licenciada pela Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), especialista em História com ênfase em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), acadêmica do curso de Letras da Universidade de Cruz Alta. Endereço eletrônico: marcia_roos@hotmail.com



paradigma patriarcal. O outro texto em questão, de Gabriele dos Anjos, mostra os resultados de uma pesquisa de campo que tratou das identidades sexual e de gênero, trazendo à vista certas características comportamentais de dois grupos homossexuais e suas sociabilidades.

Revisão de Literatura

Lorena Holzmann² divide seu artigo em três partes distintas: na primeira parte faz uma análise sobre a mulher na esfera do trabalho, em seguida argumenta sobre as novas tecnologias e a mão-de-obra feminina partindo a seguir para suas considerações finais em que demonstra que o trabalho feminino ainda se mantém preso aos moldes do sistema patriarcalista.

A influência do movimento feminista foi fundamental para impulsionar as pesquisas sobre a mulher no mundo contemporâneo; no entanto, apenas na segunda metade do século XX que preconceitos e tabus começaram a ser questionados e muitos passam a ser quebrados. O movimento feminista demonstrou quais eram as origens do discurso que legitimava a dominação masculina e também denunciou o que Holzmann chama de “especificidade da opressão da mulher” nas esferas públicas e privada da vida em sociedade.

O meio acadêmico, através de pesquisas possibilitou a desmistificação de uma “essência feminina”, uma “natureza feminina” que tornava a mulher destinada à subordinação. Os estudos acadêmicos contribuíram no sentido de que se superasse a noção de classe trabalhadora como um coletivo assexuado, demonstrando que a classe operária tem dois sexos, sendo um coletivo segmentado por diversos atributos que transpassa a etnia, cultura, condição legal, sexo...

A distinção sexual entre “ser mulher” ou “ser homem”, ou seja, as diferenças entre os sexos é, historicamente, transformada em desigualdade, o que se reproduz no mundo do trabalho, onde imediatamente se destaca na articulação entre o sistema capitalista e o sistema patriarcal, o que assegura uma dupla exploração à mulher: pelo capital e pelo “poder” masculino muito bem representado pela família e pela sociedade.

² HOLZMANN, Lorena. *Notas sobre as condições da mão-de-obra feminina frente às inovações tecnológicas*. In Sociologias. Revista semestral do Programa de Pós-graduação em Sociologias da UFRGS. Porto Alegre. Ano 2, nº 4, jul./dez. 2000, p.258-273.



É no mundo do trabalho que se observam claramente as distinções de gênero, lugar de discriminação, preconceitos. A mulher, no pensamento patriarcal e falocrata, cometeu um pecado tão grande ao sair de casa para trabalhar que só perde para os pecados de Eva e Pandora que condenaram a humanidade à morte e à desgraça... As mulheres romperam os limites do mundo privado, Evas e Pandoras que ousaram subverter a ordem, mas com um preço, uma conta paga ainda hoje, afinal as mulheres devem ocupar e ocupam funções que condigam com suas capacidades, que simbolizem ainda sua “essência feminina”, tarefas mais leves, mais simples, mais repetitivas, mais monótonas, ou seja, tarefas entendidas como “as mais adequadas às aptidões consideradas inerentes à mão-de-obra feminina”³.

As características da mão-de-obra feminina como “agilidade, destreza e rapidez” prezadas por muitos empregadores são considerados “dons inatos” – fatos da natureza e não fatos adquiridos, “não são admitidas como qualificações adquiridas”, o que exclui as mulheres das categorias de trabalhadores qualificados. Padrões comportamentais “típicos” da mão-de-obra feminina⁴ são preciosos ao empregador, mas, desvalorizados socialmente assegurando a superexploração da mão-de-obra da mulher.

No entanto, no Brasil pode ser percebido o rápido aumento da presença feminina em ocupações de nível superior que eram tidas como inerentemente masculinas: medicina, odontologia, veterinária, arquitetura, engenharias... Segundo Holzmann, isso se deve à elevação do padrão de escolarização feminina que vem superando o dos homens. No entanto, mesmo com números respeitáveis indicando uma presença considerável das mulheres em instituições de ensino, ainda não se superou muitas das desvantagens enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho.

A partir da década de 70, a crise do capitalismo torna necessário reestruturar o processo produtivo que passará por uma onda de inovações tecnológicas associadas à descentralização produtiva (efetivada através da migração de capital para regiões onde a garantia de rápido retorno se anuncia pela presença de uma força de trabalho *numerosa, barata e debilmente organizada*) e também associada à desregulamentação das relações laborais. Holzmann salienta que o capital emprega

³ HOLZMANN, Op. Cit. p.262.

⁴ São eles: paciência, perspicácia, fidelidade, maior aceitação de trabalhos enfadonhos e resistência à monotonia, que resultam em docilidade diante à dominação do capital. *Idem*.



a mulher, inspirado na condição de desvalorização de sua mão-de-obra, na concentração em níveis inferiores de qualidade, na valorização de tarefas e remuneração, na sua subordinação à autoridade masculina no local de trabalho⁵.

As novas tecnologias fundamentadas na microeletrônica têm participado na separação entre o trabalho desqualificado das mulheres e o trabalho requalificado que veio das novas tecnologias, executado por homens. A mão-de-obra feminina se concentra nas tarefas classificadas na “base da escala de qualificações”⁶. Desfez-se a idéia que se tinha de que o processo de informatização ofereceria condições de igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho e também na remuneração. Haja vista que a mão-de-obra de mulheres e jovens é considerada “dispensável”, “facilmente substituível” e “emprega em caráter temporário ou como trabalhadores em tempo parcial”⁷ o que demonstra que, mesmo em um contexto contemporâneo de avanços econômicos e sociais, a mulher continua em desvantagem.

A Ásia oferece um bom exemplo disso. Alguns países asiáticos, orientados pelos capitais de migração, tem implantado indústrias (têxteis, de confecções, de calçados, de produtos e componentes eletrônicos) voltadas para a exportação. Estudos realizados chamados tigres asiáticos⁸ pontuam as estratégias das autoridades locais e das empresas estrangeiras e demonstram que se tem a maciça integração da mulher às atividades industriais. Trata-se de mulheres jovens, vindas do meio rural, sem experiência de trabalho industrial, socializadas em uma tradição patriarcal de submissão ao homem, o que faz delas dóceis à autoridade encontrada nas fábricas, sempre masculina.

Outro exemplo asiático é o caso da Malásia onde as mulheres representam 95% da mão-de-obra na indústria eletrônica. Um estudo demonstrou que um novo estereótipo foi forjado para as mulheres que passam a ser vistas como objetos sexuais e consumidoras, este intento depende diretamente do salário das operárias que dará ou não acesso aos produtos desejáveis pelas mulheres. Esse estudo também verificou a ocorrência de freqüente de um tipo de acidente chamado de *masuk hantu* que consistia em ataques histéricos que começavam em uma operária

⁵ *Ibidem*, p. 263-264.

⁶ *Idem*.

⁷ *Apud* Castells in HOLZMANN, Op. Cit., p. 265.

⁸ Laos, China, Hong Kong, Coréia do Sul, Taiwan, Singapura, Malásia Sri Lanka, Tailândia, Indonésia, Filipinas e Bangladesh. *Idem*.



e se estendem à todas as mulheres da fábrica sendo necessário fechar as portas por um dia ou mais até que elas se recuperem; tal incidente é atribuído a espíritos perturbadores que se apossam das mulheres e jamais às tarefas estressantes a que são submetidas as trabalhadoras. E para evitar questionamentos quanto as condições de trabalho, as fábricas e suas gerências endossam crenças e práticas culturais locais como explicação e tratamento para as jovens.

Outros estudos em países não asiáticos relevam o mesmo quadro de desfavorecimento da mão-de-obra feminina: baixa remuneração, direitos trabalhistas inexistentes, ausência ou debilidade na organização operária. Enfim, tal quadro de desvantagens femininas é uma realidade mundial persistente, no entanto, há lugares em que se registram casos de melhores oportunidades de ascensão à posições mais qualificadas e socialmente mais valorizadas antes ocupadas por homens. Conforme Holzmann, “esses casos parecem ser, pelo menos por enquanto, a exceção e não a regra”⁹, visto que estes revelam a tendência de “aprofundar a trincheira que separa trabalhadores não qualificados/não valorizados – majoritariamente mulheres – dos trabalhadores qualificados – predominantemente homens”¹⁰.

Apesar de o contingente feminino no mercado de trabalho ter aumentado e estar em crescimento, a maioria das mulheres está em ocupações mal remuneradas ou sob condições de desregulamentação das relações de trabalho. O que ainda se vê muito atuante é a mesma persistência de relações de dominação na família e na sociedade, apresentadas e reapresentadas de formas novas, se adaptando às constantes transformações na economia e cultura. A construção de um modelo de família e de um padrão de comportamento a ser seguido, em especial pelas mulheres, a criação de uma “essência” feminina forjaram uma história que legitima a exploração da mão-de-obra da mulher.

Lorena Holzmann¹¹ conclui seu artigo trazendo a idéia de que as novas tecnologias de base microeletrônica não têm poder de subverter estruturas de dominação que transitam no meio social, ou de eliminar as crenças e práticas que ainda alimentam o patriarcalismo articulando-o com o capital para duplamente explorar as mulheres. Ou seja, o sistema patriarcalista somado ao modelo capitalista

⁹ *Ibidem*, p.266.

¹⁰ *Ibidem*, p. 267.

¹¹ Considerações finais da autora, p. 268-269.



forma a melhor combinação quando o resultado esperado é a existência de muitos dominados e poucos dominantes...

A questão de dominação está implícita em todas as relações sociais, ou melhor, está em todas as sociabilidades, “a vontade de poder”, como diria Michel Foucault, está presente em todos os vieses culturais, econômicos e pessoais. É por este prisma que se pode olhar o segundo texto¹² citado inicialmente que trata das relações entre sexos, suas subversões e permanências, no que tange as identidades sexual e de gênero.

O texto em questão embasa-se em dados obtidos em pesquisa de campo junto a dois grupos de homossexuais, um grupo misto e outro constituído somente por mulheres, sendo o segundo grupo, que a autora chama de B, dissidente do primeiro, chamado de A. O trabalho de Gabriele dos Anjos visa refletir sobre a relação entre gênero, sexualidade e cidadania. Gênero, nesse contexto, é entendido como as “relações estabelecidas a partir da percepção social das diferenças biológicas entre os sexos”¹³, opondo masculino/feminino no mesmo esquema classificatório que opõe forte/fraco; grande/pequeno; dominante/dominado. Entender as relações de gênero possibilita compreender a posição das mulheres, como subordinadas e também as relações entre sexualidade e poder. A sexualidade perpassada por esquemas de classificação que hierarquiza a relação entre o masculino e feminino reduzindo-a a oposição entre ativo e passivo estabelecendo a ligação entre sexualidade e dominação¹⁴.

Ao se criar a oposição entre passivo e ativo, a heterossexualidade é tida como norma, algo natural. Em contrapartida, a homossexualidade é antinatural, é um desvio, vista como pecado ou enfermidade. Na homossexualidade masculina subentende-se a escolha por uma posição inferior a que o homem se propõe, idéia fundada na “percepção de diferentes naturezas para homens e mulheres e na identificação do homossexual com a natureza feminina”¹⁵. Enquanto a homossexualidade feminina é entendida como uma negação ao papel social atribuído à mulher, uma subversão à ordem social e sexual.

¹² ANJOS, Gabriele dos. *Identidade Sexual e Identidade de Gênero: Subversões e Permanências*. In Sociologias. Revista semestral do Programa de Pós-graduação em Sociologias da UFRGS. Porto Alegre. Ano 2, n° 4, jul./dez. 2000, p. 274-305.

¹³ ANJOS, Op. Cit. , p. 275.

¹⁴ *Idem*.

¹⁵ *Ibidem* p. 276.



Seja gay ou lésbica, a subversão de uma ordem, de uma norma social pelos homossexuais os faz "invisibilizados e estigmatizados"¹⁶, tornando-os indivíduos socialmente menores que muitas vezes necessitam manipular as informações que as pessoas têm sobre eles, mascarando, instituindo uma experiência envergonhada da sua sexualidade, admitindo assim a aceitação de que há uma prática sexual correta e que esta não foi por eles adotada.

No entanto, o nível de "mascaramento" da sexualidade homossexual varia de acordo com a posição social e o grau de instrução dos indivíduos. Entre as "classes populares" há a identificação entre o homossexual masculino e a feminilidade, a auto-identificação como *bicha*, sendo isso observado nas escolhas das profissões: cabeleireiros, cozinheiros... que não se caracterizam como profissões masculinas. Nas classes superiores, como ressaltam Anjos, a homossexualidade também sendo identificada com a feminilidade, este fato é menos enfatizado, haja vista que se valoriza a discrição e ainda há certa aceitação social e um direcionamento a profissões artísticas e intelectuais. No entanto é entre os homossexuais masculinos das classes médias urbanas que rompe com o estereótipo do homossexual efeminado, na figura do *gay*. A imagem do homossexual é redefinida, como masculina, adotando signos da masculinidade (corpo musculoso, bigode).

Gabriele dos Anjos, em sua pesquisa de campo, com os dois grupos de homossexuais destaca que as diferentes identidades sexuais com diferentes orientações sexuais não exclui os eternizados conflitos entre gêneros. Aliás, as diferenças entre gêneros são apontadas, pela autora, e pelos próprios integrantes dos grupos, como a causa da cisão que levou à formação de dois grupos, denominados A e B. Esse fato é percebido na fala de um dos integrantes do grupo A, de características masculinas: "*é que nós somos homens, elas são mulheres...*"(coordenador do Grupo A).

A questão de gênero funda-se nos esquemas de classificação ou nas oposições entre dominantes e dominados, ativos e passivos e, por conseguinte, pela oposição normal e anormal. Enfim funda-se na oposição: Homem X Mulher. O grupo A rompe com a idéia de posição inferior (anormal). A homossexualidade masculina, neste contexto, é colocada como um atributo (possível) da masculinidade, mas as mulheres continuaram sendo vistas pelos outros e por elas mesmas como anormais

¹⁶ *Idem.*



(lésbicas e subversivas) além de inferiores. Percebe-se então, que a identidade de gênero, com todos os seus atributos se sobrepõem aos atributos das identidades sexuais.

Mesmo assumindo uma identidade sexual subversiva com relação ao gênero não há o rompimento com o estatuto conferido à mulher ou ao homem, que os remete a domínios separados, público ou privado... Os gays continuam sendo homens, e lésbicas continuam sendo mulheres, e isto significa que independente da identidade sexual, são produtos da mesma sociedade patriarcal que exalta os atributos masculinos em detrimentos aos femininos. Os homens, gays ou não, acham normal, ou até mesmo "natural" esse argumento (afinal, "sempre foi assim", talvez digam). E as mulheres, lésbicas ou não, acreditaram nele¹⁷ ...

Considerações finais

Enfim, seja no mercado de trabalho ou em grupos caracterizados por identidades sexuais distintas, as diferenças (ou melhor, as desigualdades) entre gêneros pulsam e interferem nas sociabilidades dando à nossa sociedade um estatuto discriminatório e excludente. O diferente quando não é temido, é ignorado, estereotipado, até mesmo caricaturado. Creio que já passou da hora... nossa "civilização" no cume de sua racionalidade está atrasada, e ainda perde por temer o diferente; perde com isso de crescer, mas não mais como civilização, e sim como humanidade...

Referências Bibliográficas

ANJOS, Gabriele dos. *Identidade Sexual e Identidade de Gênero: Subversões e Permanências*. In Sociologias. Revista semestral do Programa de Pós-graduação em Sociologias da UFRGS. Porto Alegre. Ano 2, nº 4, jul./dez. 2000, p. 274-305.

¹⁷ Nota-se essa idéia na maneira como se expressa uma das integrantes do grupo B, formado só por mulheres homossexuais:

"(...) já que as colegas eram inexperientes, eu me propus a fazer um texto e levá-lo pra discutir. Aí escrevi o texto sobre a Lilith (...) Eu tava propondo uma discussão da mulher como criatura capaz de se rebelar contra o modelo convencional de mulher. A Lilith, não a Eva, a Lilith, não a Amélia, a outra mulher. Nada. Não tive a recepção esperada." (participante do Grupo B). Op. Cit., 303.



HOLZMANN, Lorena. *Notas sobre as condições da mão-de-obra feminina frente às inovações tecnológicas. In Sociologias. Revista semestral do Programa de Pós-graduação em Sociologias da UFRGS. Porto Alegre. Ano 2, nº 4, jul./dez. 2000, p.258-273.*